

MUSEU VIVO DO ASSENTAMENTO SUMARÉ I: uma experiência que tem mantido viva a memória de luta de uma comunidade no interior paulista

LIVING MUSEUM OF THE SUMARÉ I SETTLEMENT: an experience that has kept alive the memory of the struggle of Community in the interior of São Paulo

OLIVEIRA, José da Silva

Graduando em História pela Unyleya

SILVA, Júlio César da

Bacharel em filosofia pela PUC-Campinas, graduando em História pela Unyleya

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal analisar o papel que um museu vivo tem desempenhado na preservação da memória de luta de uma comunidade de assentados do MST na cidade interiorana de Sumaré/SP, dentro da perspectiva de uma museologia social. Para tanto nos utilizamos da metodologia qualitativa, em que realizamos pesquisa de campo, com entrevistas não estruturadas. Coletamos o depoimento de sete assentados e de uma professora militante de movimento social que presta um importante auxílio na instrumentalização da comunidade para operacionalização do museu. No estudo, pudemos observar, dentre outras coisas, que o museu vivo é a própria história de luta por um pedaço de terra e um dispositivo de memória para conectar os jovens na luta. O museu vivo, que se defende, não é um espaço fixo, mas o movimento histórico e coletivo de homens e mulheres que se relacionam entre si e com a natureza. É vivo, porque é a própria vida forjada na luta do passado se recriando nas gerações futuras

Palavras-chave: Assentamento MST. Luta política. Memória. Museu vivo

Abstract: The main objective of this article is to analyze the role that the living museum of the Sumaré I settlement has played in preserving the memory of struggle of a community of settlers of the MST in the interior city of Sumaré/SP, within the perspective of a social museology. For that, we used the qualitative methodology, doing field work, with unstructured interviews. We collected the testimonies of seven settlers and of a teacher and social movement activist who provides an important assistance in the instrumentalization of the community for the operationalization of the museum. In the study, we were able to observe, among other things, that the living museum is the very story of the struggle for a piece of land and a memory device to connect young people in the struggle. The living museum that defends itself is not a fixed space, but the historical and collective movement of men and women who relate to each other and to nature. It is alive, because it is life itself forged in the struggle of the past, recreating itself in future generations.

Keywords: MST Settlement. Political struggle. Memory. Living museum

OLIVEIRA, José da Silva; SILVA, Júlio César da. MUSEU VIVO DO ASSENTAMENTO SUMARÉ I: uma experiência que tem mantido viva a memória de luta de uma comunidade no interior paulista. *Educação Sem Distância*, Rio de Janeiro, n.6, jul./dez. 2022.

1 Introdução

Cultivar espaços de memória aqui no Brasil nunca se fez tão necessário como nos últimos tempos. Negar acontecimentos históricos como a escravidão colonial e a ditadura militar, que tantos danos causaram à América Latina e ao nosso país, tem sido uma constante de grupos conservadores e ultraliberais (LUIZ, 2020). São tempos difíceis, os vividos pelos brasileiros na atualidade. Pode-se dizer que preservar a memória em tempos sombrios como este, é um ato de resistência (ANTONINI, 2017). “Nadando” contra a corrente negacionista, uma comunidade de assentados do movimento sem terra (MST) da cidade de Sumaré, interior do estado de São Paulo, está criando um museu vivo que preserva, dentre outras coisas, a memória de suas lutas.

Fundado há pouco mais de um ano, o museu vivo vem desenvolvendo um trabalho de resgate histórico dentro do assentamento. Os responsáveis pelo museu vivo têm recolhido fotos antigas dos momentos da caminhada e estas imagens são catalogadas em um *blog*. Além das imagens há testemunhos escritos e entrevistas dos assentados no podcast “Às Vezes Só”. Também é parte do museu vivo, um canal no *YouTube* e uma das ações de maior impacto foi uma recente exposição de fotos num evento festivo, a “Festa da costela no chão”. Enfim, ações estas que iremos retratar mais à frente.

Vale destacar que o assentamento I está situado a poucos quilômetros do centro da cidade de Sumaré e mantém uma dinamicidade com a mesma, seja pela comercialização dos seus produtos, pela interação cultural com a sua tradicional “Festa da mandioca” ou até mesmo pela atividade política que mencionaremos no decorrer desse artigo, como um aspecto preponderante desta comunidade de assentados.

Este artigo tem por objetivo analisar o papel que o museu vivo tem desempenhado na preservação da memória de luta do assentamento citado, tais como a preservação da memória para as novas gerações e, também, para os que estão lá, desde o seu início, que por uma série de motivos, têm se desvinculado da sua própria história. Para tanto, iremos mensurar a importância que os assentados atribuem a criação do museu vivo e demonstrar o seu papel de resistência no que concerne o direito à preservação da memória histórica de luta do movimento no direito à terra, dentre outros.

A problemática que norteia a nossa pesquisa é a seguinte:

O museu vivo, que foi criado há pouco mais de um ano, tem conseguido, na perspectiva dos assentados, desempenhar um papel importante na preservação da memória de luta de sua comunidade?

Nossa metodologia de pesquisa se vale da abordagem qualitativa, fazendo um estudo de caso. Para tanto, fizemos uso de entrevistas não estruturadas. Foram coletados depoimentos de sete assentados, destes, três são jovens e quatro são mulheres. Tivemos também o depoimento de uma professora de museologia e militante dos movimentos sociais, chamada

Sônia Aparecida Fardin¹, que tem prestado um grande auxílio aos assentados, instrumentalizando os mesmos para essa grande ação.

Esse trabalho é fruto de uma pesquisa de iniciação científica, vinculada a faculdade Unyleya, por meio do NICEP (Núcleo de Iniciação Científica, Extensão e Pesquisa), sob a coordenação da Prof.^a Msc, Úrsula Pinto Lopes de Farias e orientação da Prof.^a e Dr.^a Luciana Lamblet Pereira.

Embasado por contribuições de autores como Pierre Nora, Reinhart Koselleck e Milton Santos, dentre outros, o presente artigo pretende contribuir, também, com a reflexão da museologia social e, de forma enfática, elucidar o trabalho significativo que o museu vivo do Assentamento Sumaré I tem desenvolvido na comunidade em questão.

Posto isso, a organização desta análise se dará por cinco momentos. No primeiro, traremos um breve histórico dessa luta que é evidenciado pelo museu vivo num despertar de uma história comum, por assim dizer. No segundo, trataremos das motivações para o feito e do próprio entendimento que vai se constituindo sobre o museu vivo pelos assentados. No terceiro momento, discutiremos a ideia de pertencimento ao território e a forte dinâmica comunitária observada no estudo. No quarto, refletiremos sobre os espaços de memória que se cruzam com os espaços de luta política, característica muito forte desse assentamento. E por fim, falaremos das ações desempenhadas pelos assentados que deram materialidade e publicidade ao museu vivo.

2 Breve histórico da luta pela terra

Para discussão inicial desse artigo, importa começar por algo muito recorrente nas entrevistas. Estamos falando da memória primeira, relatada pela maioria dos entrevistados. Há uma história comum que dá início, especificamente, a luta desta comunidade de assentados. O museu vivo tem despertado as lembranças mais profundas sobre a origem do Assentamento Sumaré I. É nessa perspectiva que começamos nossa análise.

Por volta do ano de 1983 um grupo começou a organizar reuniões na cidade de Hortolândia, na época ainda pertencente a cidade de Sumaré. O movimento contava com a presença acentuada da Igreja Católica através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nas lideranças do então ex-seminarista, Iran de Rezende, do Sr. João Calixto e Sr. João Loureço.

Segundo o relato do Sr. João Araújo de Lima, ao podcast “As Vezes Só”, que é um dos projetos do Museu Vivo, conduzido pelo assentado Samuel Dias da Silva, Sr. Lima, como é conhecido, lembra que no início eram umas 600 pessoas. O grupo fez algumas pesquisas de terra e descobriram uma área pertencente a Usina Tamoio em Araraquara/SP. Ele relata que:

¹ Sônia Aparecida fardin é mestre em história pela Unicamp (2001) e doutora em artes visuais pela mesma universidade (2016). Já foi coordenadora do museu da imagem e do som de Campinas (1995-2002) e membro do comitê da sociedade civil da comissão de anistia (2011-2014), dentre outras.

(..) morava na cidade de Cosmópolis e ia todos os domingos para as reuniões em Hortolândia. Quando foi decidido ir para Araraquara, no outro dia fui no serviço onde trabalhava e pedi que acertassem minha conta, peguei o dinheiro, comprei enxada, foice e alguns alimentos e parti com o grupo. (LIMA, 2022).²

Na viagem para cidade de Araraquara, apenas 47 adultos e dois menores se dispuseram a ir, segundo ele. É bom lembrarmos que estávamos em plena ditadura, tudo era sigiloso. Pelo que Lima (2022) relata na entrevista, quando chegaram na terra, já tinham uma certa organização, uns cuidavam de limpar o local, construir barracos de lona, outros procuravam água e outros plantavam, embora tivessem consciência que poderiam ser despejados no dia seguinte. O mesmo lembra que, nessa ocasião, chegaram uns jagunços da usina, armados, provavelmente, para intimidar o pessoal (LIMA, 2022).³ Nesse momento contaram com o apoio de um padre da Comissão Pastoral da Terra (CPT), de nome José Domingos Braglete da cidade do Dobrada/SP.

De Araraquara, foram transferidos para cidade de Araras em uma terra da FEPASA, começaram novas negociações. Repetiram a organização: construíram barracos, agora de barro, plantaram, e fizeram uma cozinha coletiva. A particularidade foi que desta vez teve uma ação de despejo expedida pela justiça, mesmo o grupo contando com o apoio da Igreja, de estudantes e jornalistas da cidade, a saída do local se deu sobre pressão de acordo com o testemunho do Pe. Braglete:

Foi uma experiência muito bacana. Só que a polícia foi lá e fez o maior despejo depois de cinco dias. Derrubaram tudo no chão! Foi, assim, uma coisa (...). Não bateram neles, mas (...) Só a violência, prenderam todo o material. Aí o pessoal fez uma romaria de lá até a cidade. Chovendo, eram doze quilômetros! Carregando um cruzeiro enorme que eles tinham feito de madeira. Um crucifixo enorme (SILVA, M. A. M., 2014).

De Araras, o grupo retorna para cidade de Sumaré, porém, com uma negociação em andamento junto ao Estado. No início do ano de 1984 conseguiram definitivamente uma área de terra em Sumaré onde permanecem atualmente com vinte e seis famílias.

Já nos seus 74 anos de idade, Lima (2022) encerra a entrevista com as seguintes palavras: “sonho que se realizou, sonho pequeno, mas uma realização de vida”⁴.

“Quem busca encontrar o cotidiano no tempo histórico deve contemplar as rugas no rosto de um homem, ou então as cicatrizes nas quais se delimitam as marcas de um destino já vivido” é o que diz Reinhart Koselleck (2006) para nós. Por meio das rugas e das cicatrizes desses homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras sem-terra, que a história do assentamento Sumaré I se faz existir.

² Informação concedida pelo assentado João Araújo de Lima ao podcast “Às Vezes Só” em 16/09/2022

³ Idem.

⁴ Idem.

3 Das motivações de construção do museu vivo ao seu entendimento

“O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar” (NORA, 1993). Com essa citação de Nora queremos trazer uma reflexão sobre o esquecimento, melhor dizendo, sobre o esvaziamento da lembrança. Há um medo que parece fazer parte de toda a constituição humana que é não se lembrar mais do que somos e do que fomos se constituindo historicamente. Nesse sentido, a memória para o autor é a guardiã material daquilo que a lembrança não dá conta, de que o esquecimento pode aniquilar. No caso do museu e da comunidade em estudo, há um medo muito grande dos assentados de sua história cair em contempto.

Segundo relato das pessoas entrevistadas, a preocupação em não deixar a memória coletiva se perder, sempre foi uma constante na comunidade. Mas a intervenção e o protagonismo de alguns, podendo destacar de dois senhores, seu João Calixto e seu João Lourenço, em manter viva essa memória que foi crucial, durante toda a história do Assentamento I. A preocupação só volta a ser mais acentuada com a morte dessas duas grandes lideranças. Vejamos o que diz a assentada Fátima Santos:

Quem sempre estava à frente era o João Calixto, que dava as palestras nas faculdades, pra contar a história, recebia os visitantes... o João Lourenço ... E depois que a Sônia cresceu, que a Sônia sempre acompanhava, aí a Sonia começou a ficar junto, coladinho com ele. Ai depois veio a falecer o João Calixto, a gente levou aquele choque! Parece que foi assim: cabou tudo né. (...) Era o Calixto, o Altair e o João Lourenço e o seu Leônidas que estava sempre atendendo os visitantes. Só que quando o Calixto se foi, eles levaram um choque muito grande! Aí eu falei assim pra Altair: Altair nós precisa continuar. Ele disse não. Eu não vou substituir. Eu falei não é substituir. A gente precisa continuar. Só que nesse intervalo, o João Lourenço também se foi. Um dia sentando com a Sônia: a gente precisa continuar (...) Cada vez que a gente marcava uma visita, era uma emoção, porque não era nós que estava ali. A gente via o Calixto e o João Lourenço. (SANTOS, F.; 2022, informação verbal)⁵

A comunidade, como dito acima, “levou um choque” com a partida de dois personagens históricos que, para além de pais, amigos e vizinhos ótimos que eram, conforme relatado nas entrevistas, cumpriam uma função importante, quase religiosa, de manter o elo forte da comunidade consigo mesma, no rememorar de sua história. Com a partida desses, os que ficaram precisaram se reorganizar para não deixar a memória, também, morrer.

Acerca desse receio que é, sem sombra de dúvidas, antropológico, do esquecimento ou do esfacelamento da memória, o historiador Pierre Nora trás uma compreensão mais ampla, ele fala que o crescimento industrial e a mundialização poderiam ser os seus grandes responsáveis. “Pensemos nessa mutilação sem retorno que representou o fim dos camponeses, esta coletividade-memória por excelência cuja voga como objeto da história coincidiu como o apogeu do crescimento industrial.” (NORA, 1993, p.8). O mesmo, ainda

⁵ Entrevista concedida por Lucinda de Fátima Santos no dia 03/10/2022.

nos alerta que, o fim das sociedades-memória nos trará grandes riscos.

Fim das sociedades-memória, como todas aquelas que asseguravam a conservação e a transmissão dos valores, igrejas ou escolas, família ou estado. Fim das ideologias-memórias, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para preparar o futuro, quer se trate da reação, do progresso ou mesmo da revolução. (NORA, p.8, 1993)

Uma contribuição significativa, também nos traz Paul Ricoeur. Ele nos diz que “o esquecimento tem igualmente um polo ativo ligado ao processo de rememoração, essa busca para reencontrar as memórias perdidas, que, embora tornadas indisponíveis, não estão realmente desaparecidas.” (RICOUER, 2003, p.6). De acordo com este autor:

(...) a memória deixa como herança à história: o passado está, por assim dizer, presente na imagem como signo da sua ausência, mas trata-se de uma ausência que, não estando mais, é tida como tendo estado. Esse “tendo estado” é o que a memória se esforça por reencontrar. (RICOUER, 2003, p.6)

O autor, citado acima, nos dar esperança. Pra ele nem tudo esta perdido. O esquecimento não aniquila toda a lembrança. A memória, pelo o mesmo, cumpre uma função sublime, ela rememora e escava, por assim dizer, aquilo que pode ser ausente agora, mas esteve presente lá, no passado, e estando assim, não desapareceu, pode ser recuperado. Esse é um jogo filosófico que a memória, segundo Ricoeur conhece bem, e, pelo observado no nosso trabalho de campo, não é estranho ao museu vivo do Assentamento Sumaré I.

Foi superando as adversidades e, principalmente, o medo de perder toda memória coletiva acumulada ao longo desses quase 40 anos de existência do assentamento, que os assentados se engajaram na construção do museu vivo. A assentada Adão Silva (2022) diz que “é importante a gente manter viva a memória”. Ela acrescenta: “porque os nossos filhos, os nossos netos precisam conhecer a luta lá detrás pra dar valor no que tem... a gente precisa ter amor na onde a gente mora, o que que a gente conquistou.” (informação verbal)⁶ Uma outra assentada, a Meli Silva (2022), ela, também, traz um relato muito interessante sobre a importância desse museu. Ela diz: “Até os mais antigos se deram uma esquecida de como foi esse processo todo. Quando eles veem foto, vão retomando as lembranças. Isso vai reconstruindo a unidade que foi tão importante para nós aqui” (informação verbal)⁷

Eles até ressaltaram que, no início, foi difícil, inclusive por lidarem com uma pandemia que, dentre outras coisas, isolou todo mundo. Mas a ação foi ganhando forma e se materializando à medida que iam contactando pessoas, recolhendo fotos e pegando

⁶ Entrevista concebida pela assentada Natalina Adão da Silva em 27/09/2022.

⁷ Entrevista concebida pela assentada Sônia Meli Silva em 30/08/2022.

depoimentos. Tudo isso resultou em interações que, pelo que parece, ativou as memórias e os afetos, engajando a todos e consolidando o projeto de museu vivo.

A gente precisava pensar em alguma coisa (...) pra gente trazer o assentamento, contar a história, porque daqui a pouco não vai ter mais essa história. Eu falei: num vai mesmo. Então aí, foi esse start que a gente teve da associação tá na frente disso, trazer essa história (...), dar vida pra essa história, pra esse assentamento, lembrando tudo que a gente... resgatando tudo que a gente já tinha. E aí a gente começou a trabalhar. (SANTOS, F.; 2022, informação verbal)⁸

Na compreensão desse trabalho de museologia e sua dimensão pelos assentados, a professora Sônia Fardin (2022), relata que “eles têm uma clareza muito grande de qual é o objetivo daquele museu. O objetivo é fazer um debate sobre a luta da terra e a manutenção dos objetivos dessa luta elucidados e ativados para as gerações futuras” (informação verbal).⁹ A moradora da comunidade, Meli Silva, diz que:

O museu é vivo porque ele não vai tratar só da época da ocupação, mas vai tratar do agora. Vai ter foto da época da ocupação com as crianças, mas vai ter foto das crianças hoje. Eles vão se ver lá atrás, os pais, mas eles, vão se ver aqui hoje, as crianças (SILVA, S. M., 2022, informação verbal).¹⁰

Buscando conceituar o museu vivo, podemos dizer que há muito se superou a compreensão arcaica do museu como um depósito de quinquilharias. Um entendimento moderno nos traz uma definição mais profunda do museu como um lugar de memória e de cidadania, que “nos ajuda a compreender os legados da humanidade”, e, não só isso, como, também, “a continuar buscando explicações para esse mistério chamado vida” (MENDONÇA, 2009). No que diz respeito a proposta de criação de um museu vivo pelo assentamento, vemos uma definição mais ampla. Este novo conceito de museu vivo vai ao encontro da ideia de um museu que recria cenários históricos, que “está focado na vivência, na vida que rola dentro e fora do museu”; é um museu “que se molda, que se muda”, que, também, “participa, integra e inclui” (MANIFESTO, 2017).

O museu vivo é reflexo dessa nova museologia que se constitui social e política, inclusiva e emancipatória. Estamos falando da museologia social. “Na contramão de uma museologia normativa e frequentemente perversa impõe-se a Museologia Social, sensível, compreensiva e libertária” (CHAGAS; ASSUNÇÃO; GLAS, 2013, p. 433). Chagas e Golveia mencionam que “quando falamos em museu social e museologia social, estamos nos referindo a compromissos éticos”; e mais ainda, “estamos afirmando, radicalmente, a diferença entre uma museologia de ancoragem conservadora, burguesa, neoliberal, capitalista e uma museologia de perspectiva libertária” (CHAGAS; GOLVEIA, 2014, p.17).

⁸ Entrevista concedida pela Lucinda de Fátima Santos no dia 03/10/2022

⁹ Entrevista concebida pela professora e militante social Sônia Aparecida Fardin em 30/09/2022.

¹⁰ Entrevista concedida pela assentada Sônia Meli Silva em 30/08/2022.

“A museologia social, na perspectiva aqui apresentada, está comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva;” rechaça Chagas e Golveia (2014). Esses autores ainda acrescentam, que a museologia social também está comprometida:

(...) com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais, incluindo aí, o movimento LGBT, o MST e outros (CHAGAS; GOLVEIA, 2014, p. 17).

A Sônia Fardin traz uma reflexão acerca disso. Vejamos:

A museologia social, ela está preocupada. Ela está atenta e ela tem como objetivo principal ativar essas relações entre as pessoas e a partir dessas relações problematizar e discutir coletivamente o que fazer. Ela não vem com um propósito absolutamente dado. O propósito é a reflexão e a produção de conhecimento coletivamente (...). O principal não é o espaço físico e nem mesmo os objetos, mas as relações dos sujeitos reais, ativados pelo espaço físico ali, pela mina, pelo galpão, pelas fotografias. (FARDIN, 2022, informação verbal).¹¹

A professora Sonia Fardin, ainda ressalta na sua entrevista que:

O museu vivo tem um compromisso com a vida, e a vida digna. A vida num sentido... eu vou usar uma expressão... num sentido comunista da vida. A vida não na materialidade por ela mesma. Mas a produção da vida partilhada. E não é uma relação de mercantilização. Nem da terra, nem do produto da terra, nem da memória, nem da cultura, muito menos do que tudo isso a gente entende por vida. O museu vivo está ativo quando as pessoas estão. As pessoas são o museu vivo. As pessoas não são o barracão. As pessoas são elas se relacionando e o barracão, a história do barracão e a mina d'água são ativadores dessa memória e dessas relações. (FARDIN, 2022, informação verbal).¹²

Vimos até agora, que o medo de perder as memórias coletivas impulsionou os assentados a construir um museu vivo e que há uma compreensão profunda pelos mesmos do real potencial que esse tipo de museu tem. É um museu que escapa das convenções anteriores e que impacta afetivamente e politicamente os assentados. Afinal, há um campo de intencionalidades no agir humano. E o museu vivo não foge disso. Aliás, entendendo as implicações disso, que o assentamento instrumentaliza este museu para a manutenção da sua memória de luta política pela terra, pelo direito a ela. Podemos dizer, também, que o acesso à informação e ao conhecimento, somado a preservação da memória coletiva, são direitos fundamentais previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Art. XIX).

¹¹ Entrevista concedida pela professora e militante social Sônia Aparecida Fardin no dia 30/09/2022.

¹² Idem.

4 Da pertença ao território à vivência em comunidade

O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado, temos uma fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas. (SANTOS, M., 1998, p.16)

Com essa citação de Milton Santos, iniciemos a discussão sobre território. Entendendo que é necessário, como o próprio autor nos convida, superar as visões neoliberais postas sobre o mesmo. O território é o espaço vivido e habitado pelo humano. A assentada Sônia Meli Silva, conhecida como Soninha, vai trazer uma clara consciência disso no seu relato.

Na verdade, a gente criou a associação de moradores também, acho que a quatro anos atrás, pensando também nessa questão da história do assentamento, porque até então, nós tínhamos a cooperativa que gerenciava a questão da produção... só que a gente sentiu a necessidade de ter uma associação que cuidasse das questões para além do comercial (SILVA, S. M., 2022, informação verbal)¹³

Ela rechaça a ideia de que, para além de uma produção comercial no assentamento, conduzida pela cooperativa, houve a necessidade de se organizarem de outras formas, no uso do território. Surge a associação de moradores e posteriormente o museu vivo. Com um espírito de pertença, a Meli Silva (2022) acrescenta: “esse território é tudo o que eu sou. Nunca vou sair daqui. É preciso ter alguém que fomenta a luta aqui, como o meu pai e outros. Pra mim é uma escolha está aqui” (informação verbal)¹⁴

No que diz respeito às novas relações que se podem construir no território, Milton Santos vai colocar que a verticalidade pode ser provocada por horizontalidades, uma linha de contraponto aos esquemas globalizantes do capitalismo atual. Segundo o mesmo, “as uniões horizontais podem ser ampliadas, mediante as próprias formas novas de produção e de consumo” (SANTOS, M., 1998). Ele discorre:

Um exemplo é a maneira como produtores rurais se reúnem para defender os seus interesses, o que lhes permitiu passar de um consumo puramente econômico, necessário as respectivas produções, a um consumo político localmente definido (...). Devemos ter isso em mente, ao pensarmos na construção de novas horizontalidades que permitirão, a partir da base da sociedade territorial, encontrar um caminho que nos libere da maldição da globalização perversa que estamos vivendo e nos aproxime da possibilidade de construir uma outra globalização, capaz de restaurar o homem na sua dignidade. (SANTOS, M., p. 17, 1998)

Todos esses aspectos, mencionados por Milton Santos sobre o território, nos ajudam a compreender outra dimensão importante dos assentados que é a comunidade. A

¹³ Entrevista concedida pela assentada Sônia Meli Silva em 30/08/2022.

¹⁴ Idem.

comunidade, tal como ela se organiza, numa espécie de coletividade, reforça muito a ideia de horizontalidade colocada pelo autor. “Aqui no assentamento nada é de graça, então toda essa estrutura que conseguimos é luta, é fazendo festa, é organizando associação”, relata a Meli Silva (2022). Para além disso, “a luta te força pro coletivo também, saber que você tem o teu particular, mas tem as estruturas que são coletivas e que todo mundo precisa ajudar” (informação verbal)¹⁵, reforça a mesma. Percebe-se que existe uma dinâmica, entre os que lá habitam, que fomenta uma participação significativa dos sujeitos, por meio de mutirões, reuniões, confraternizações e todo tipo de mobilização. Ora é para instrumentalizar uma certa organização comunitária, ora é para estreitar mesmo os laços afetivos entre os seus. Enfim, pelo que foi constatado nos relatos, a comunidade vai se fazendo assim, nos entrelaces das obrigações diárias com os vínculos afetivos da solidariedade e do desejo de estar presente uns com os outros partilhando a vida. Sobre isso, a assentada Fátima Santos, que também é presidente da cooperativa, traz um relato bem significativo:

Na festa da mandioca (...) a gente fala assim: quem vai precisar descascar 90 caixas de mandioca, quem vai poder vir? Ai a gente organiza. A lá o pessoal da Karol. A família dela... ou ela vem aqui descascar ou ela descasca na casa dela e traz tudo prontinho. (...) Na época da limpeza, o pai dela pega o trator vai e limpa tudo, entendeu? Então, graças a Deus, a gente não se perdeu ainda. Tem alguns que não faz? Tem. Todo lugar tem, mas a maioria a gente consegue fazer esse trabalho. A cooperativa, ela faz toda a comercialização dos três assentamentos. A gente faz isso. Então, eu acho. Eu acho não, eu tenho certeza que conseguimos fazer isso ainda aqui. (...) Eu digo pra você que nós temos ainda esse espírito de coletividade. (SANTOS, F.; 2022, informação verbal).¹⁶

Uma característica marcante desse assentamento é o espírito coletivo, digamos assim. Segundo relato deles, tudo isso remonta as CEBs (comunidades eclesiais de base da igreja católica). “A comunidade, ela é esse alicerce. Então, assim, a gente pode dizer que se não tivesse as comunidades eclesiais de base a gente não tinha sobrevivido aqui.” (SILVA, A.; 2022, informação verbal).¹⁷ As CEBs tinham como proposta, uma vida teológica mais conectada com a realidade política e social dos fiéis cristãos. Originada na segunda metade do século passado, depois do concílio vaticano II, buscava fazer uma releitura do evangelho, tentando trazer respostas para aflição do povo que sofria por ditaduras na América Latina e em outros tantos lugares do mundo. A coletividade é um pilar fundamental dessas comunidades. Não à toa os assentados a tem como referência.

Resumindo a história do assentamento, começa com o círculo bíblico. Então, começa lá a procurar essa terra prometida, que corre leite e mel e essa terra que cabe a gente ir atrás dela(...) tudo surgiu dessa teologia da libertação e das comunidades eclesiais de base, porque o MST não era montado ainda no estado de SP. Então, esse assentamento surgiu um ano antes da fundação do MST. (...)

¹⁵ Entrevista concebida pela assentada Sônia Meli Silva em 30/08/2022.

¹⁶ Entrevista concedida pela assentada Lucinda de Fátima Santos no dia 03/10/2022.

¹⁷ Entrevista concebida pela assentada Natalina Adão da Silva em 27/09/2022.

É um grupo que, por conta disso, tem mais essa pegada religiosa. (SILVA, S. M., 2022, informação verbal).¹⁸

É curioso perceber que o assentamento Sumaré I é anterior ao próprio movimento político do MST. Como é colocado acima, a luta pela terra, desse grupo de agricultores, mobilizado pelo viés religioso da teologia da libertação, surge bem antes. Claro que depois se incorporam ao movimento, adotando a estrutura organizacional do mesmo, mas as características religiosas das CEBs marcam, de tal maneira, essa comunidade, que, até hoje, eles a percebem no seu modo de ser e agir. Nos relatos, eles trazem esse modelo religioso como algo fundante de sua identidade grupal.

5 Espaços de memória e espaços de luta

Busquemos entender, agora, os espaços de memória fitados pelo museu vivo em estudo. Entendendo que, lá no território, há lugares que são mais ativadores da memória coletiva que outros.

Essa mina, quando a gente entrou aqui, era ela que abastecia o assentamento. Então, a gente está resgatando ela, como do museu também. Uma coisa do assentamento, onde todos que passou por aqui, de uma forma ou outra, tomou um copinho de água lá. (SANTOS, F.; 2022, informação verbal).¹⁹

O galpão da cooperativa em que os trabalhadores se encontram para, dentre outras coisas, escoar sua produção; a Associação de Moradores, onde a organização da agrovila junto com os fatores políticos e socioculturais se dão; o campo de futebol, onde os jogos entre os casados e solteiros ocorrem anualmente, quase como um ritual religioso, promovendo laços de fraternidade e facilitando o entretenimento; a mina, nascente que abasteceu por anos os agricultores e que foi fundamental para a plantação, garantindo à comunidade um direito básico, a água; enfim, são lugares ou espaços, por assim dizer, que abarcam a coletividade, que a rotina de reuniões comerciais, de mobilizações políticas, de encontros festivos e fraternos se realizam. Nesses espaços a vida comunitária acontece com maior fluidez. Por isso que são ativadores dessa memória, que não é outra coisa senão coletiva. A professora Sônia Fardin irá nos dizer que:

A museologia social, ela está preocupada, ela está atenta e ela tem como objetivo principal ativar essas relações entre as pessoas e a partir dessas relações problematizar e discutir coletivamente o que fazer. Ela não vem com um propósito absolutamente dado. O propósito é a reflexão e a produção de conhecimento coletivamente (...). O principal não é o espaço físico e nem mesmo os objetos, mas as relações dos sujeitos reais, ativados pelo espaço físico ali, pela mina, pelo galpão, pelas fotografias (FARDIN, 2022, informação verbal).²⁰

¹⁸ Entrevista concebida pela assentada Sônia Meli Silva em 30/08/2022.

¹⁹ Entrevista concebida pela assentada Lucinda de Fátima dos Santos no dia 03/10/2022.

²⁰ Entrevista concebida pela professora e militante social Sônia Aparecida Fardin no dia 30/09/2022.

Nora vai dizer que:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. (NORA, 1993, p. 22)

Os espaços de memória são a materialidade da lembrança, mas são para além dela. São também a funcionalidade e o significado que ela carrega, segundo o autor. Ele ainda acrescenta que há uma necessidade organizacional que precisa escapar do espontaneísmo. Ele diz:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória (NORA, 1993, p. 13).

Abarcada essas contribuições, não podemos deixar de retratar aqui um outro aspecto muito importante nessa comunidade de assentados e que se evidenciou fortemente nos relatos. Há um aspecto político e, se assim podemos dizer, de consciência de classe. Certamente alimentado pelo movimento ao qual a comunidade faz parte, o MST, e fortalecido pelas lutas históricas no município, no estado e no país. O Assentamento Sumaré I, pelo que foi constatado, tem uma atuação política muito forte nessas esferas da vida e como já foi mencionado, nesse artigo, o museu vivo ele não é neutro, a memória coletiva que ele visa preservar é politizada. “Não existe uma museologia em abstrato do que a associação João Calixto se propõe a fazer (...) de acordo com a prática política deles”, ressalta a professora Fardin (2022) e ainda acrescenta: “patrimônio não é só a materialidade. Patrimônio é o acúmulo de conhecimento. E nesse caso especial, é o acúmulo de conhecimento da luta política” (informação verbal).²¹ A assentada Meli Silva (2022) reforça esse entendimento: “quando você não sabe da história, você vai se perdendo, se perdendo desse entendimento político da luta” (informação verbal).²²

Visto isto, podemos dizer que os espaços de memória também são constituídos de espaços de luta política. Espaços utilizados estrategicamente pelo movimento sem-terra e pela comunidade em estudo que, pelo que observamos, já tem plena consciência do potencial político e, porque não dizer, pedagógico do museu vivo. A formação que não acontece apenas internamente, mas que dá aos grupos de estudantes (de escolas de uma certa

²¹ Idem.

²² Entrevista concebida pela assentada Sônia Meli Silva em 30/08/2022.

elite econômica no país e que não nos cabe nomear aqui), que visitam o assentamento, preza por uma narrativa política sob a ótica do oprimido. Há um relato muito importante da professora Sônia Fardin que rechaça isso. Vejamos:

É uma estratégia que o MST tem, que é um processo de formação. Formação dos assentados, formação dos que estão nos acampamentos e formação da sociedade, do geral, né?! É uma disputa política, mesmo. é você, sabe, disputar conhecimento. (...) O que existe de produção de conhecimento negativo, de desinformação, informação falsa para projetos como este... é preciso ter essa ação. Isso é parte da luta. Isso é parte da organização, da conquista e da manutenção do direito à terra, que não é só a terra por ela mesma. Mas é um modo de produzir, é um modo agrícola que é cooperativo. (...) É diferente de uma escola que vai passar um dia num hotel fazenda, ou mesmo numa propriedade privada individual. Mesmo que seja uma propriedade com características de preocupação ecológica. (...) Ali, a questão da ecologia e da agroecologia tá vinculada a um modo de pensar a sociedade, de buscar transformar a sociedade (FARDIN, 2022, informação verbal).²³

A assentada Meli Silva relata:

Quando eu falo para os alunos, eu digo: nós estamos aqui abrindo a história da nossa vida, não é questão de ser o certo e o errado, é a nossa história. Não estou aqui para te dizer que você vai sair daqui e já pegar a bandeira do MST e... Você está aqui é para escutar o que não foi te contado até hoje sentado no sofá de tua casa (SILVA, S. M., 2022, informação verbal).²⁴

De acordo com Koselleck (2006), “o tempo histórico (...) está associado a ação social e política, a homens concretos que agem e sofrem as consequências de ações”. Não há como negar isso. Seria ingenuidade ou mesmo má fé pretender buscar uma neutralidade política. A história da humanidade mostra que as narrativas sempre seguiram uma linha, e, na maioria das vezes, perversa. Grupos privilegiados economicamente tinham suas narrativas legitimadas, em desfavor de outros. Estes últimos, que abastados do direito de proferir sua versão, foram escanteados da história oficial.

6 Ações e percepções que consolidam o museu vivo

Partamos para as ações que materializam e que dão publicidade ao museu vivo e, ainda, para as percepções avaliativas dos envolvidos sobre o mesmo.

Como foi dito, anteriormente, foram desempenhadas várias ações pelos assentados que mostram o museu vivo em plena atividade na comunidade. De criar um “blog” com a elaboração de um vídeo solicitando que a comunidade enviasse fotos, registros antigos à realização de uma grande exposição, que aconteceu recentemente. Tudo envolveu muito

²³ Entrevista concebida pela professora e militante social Sônia Aparecida Fardin em 30/09/2022.

²⁴ Entrevista concebida pela assentada Sônia Meli Silva em 30/08/2022.

trabalho e engajamento desses agentes comunitários. Sobre a exposição que foi o ápice dessas ações, a professora e militante Sônia Fardin nos conta:

Por que que foi possível concretizar a proposta da exposição? Porque teve um trabalho anterior feito que começou (...) e que foi assim: um trabalho que eu falei pra eles: isso tem que tá lá no mural também, que é um processo de organizar as informações do arquivo deles. As fotos que têm lá. No primeiro dia que eu cheguei lá eles me mostraram jornais, revistas, fotos, cartazes... um monte de slides. Alguns slides bastante deteriorados. Ai a gente fez uma lista do que existia. Eu fiz com eles algumas oficinas de como organizar esse material pra ele ser facilmente acessado. A gente fez planilha de inventariar, de catalogar o que já dava, de separar, de identificar suporte, de identificar datas, de identificar pessoas. Então com esse núcleo primeiro do acervo organizado, fica fácil de você montar uma exposição. Uma exposição, inclusive, cronológica (FARDIM, 2022, informação verbal).²⁵

Como visto, Fardin teve um papel fundamental em instrumentalizar os assentados nessa organização onde começou por ajudá-los a separar os objetos de memória, a mostrar formas de identificação destes, propondo maneiras de melhor arquivar os achados, fazendo oficinas para que a comunidade saiba lidar com tudo. Enfim, foi e está sendo de grande valia, a sua participação neste projeto. Os assentados mesmos reforçam isso.

Outras tantas ações vieram antes, ressalta a assentada Fátima Santos:

A gente gravou, a gente tirou foto... todo esse processo, desde o começo aqui, da reunião, da pessoa que veio pra resgatar essa mina, da preparação lá, dos agricultores envolvidos (...). Agora, a gente está fazendo todo esse trabalho de tomar o depoimento de todos. Igual a Carol falou do podcast que o Samuel está fazendo, de tomar o depoimento de todo mundo (SANTOS, F., 2022, informação verbal).²⁶

Utilizando as mídias digitais, como o blog, o canal no *Youtube*, o *podcast* no *Spotify* para dar visibilidade ao museu e ao mesmo tempo fazê-lo acontecer, nas interações que a comunidade mantém *on-line*, os assentados mais jovens, como a Karolyne Belchior e o Samuel Dias, citados acima, têm dado uma dinamicidade ao projeto. Vemos aí, que as ações estão superando as barreiras físicas que vão se estruturando em outros formatos, ponto extremamente positivo que se dá entre as três gerações envolvidas na operacionalização do museu vivo em análise.

Ainda sobre a exposição, “a gente ver as fotos... vem as brincadeiras, os passeios... Nossa, gente! Como é maravilhoso ver isso”, relata a assentada Adão da Silva. Ela ainda acrescenta: “na época da escola, vem o cheiro da sopa, da escola de antigamente (...) É maravilhoso lembrar de tudo aquilo lá e mostrar para os nossos filhos tudo o que nós passamos, coisas boas, coisas ruins” (informação verbal).²⁷ A jovem Belchior, relata:

²⁵ Entrevista concebida pela professora e militante social Sônia Aparecida Fardin em 30/09/2022.

²⁶ Entrevista concebida pela assentada Lucinda de Fátima Santos em 03/10/2022.

²⁷ Entrevista concebida pela assentada Natalina Adão da Silva em 27/09/2022.

Eu cresci pela visão dos meus avós e pela visão dos meus pais. E o museu, querendo ou não, ele traz a visão de outras pessoas. Tipo o seu João Calixto, o seu João Lourenço... de outras pessoas que lutaram pela terra e pelo direito da terra... eu acho que o museu, ele traz isso (...). Quando a gente senta, a gente conversa, ele traz aquilo o que eu não sei. Eu não estava lá, eu não presenciei. Mas o museu ajuda... como as fotos... a Sônia conta o que ela sabe. E cada um compartilha um pedacinho daquilo que eles sabem (...) E aí acaba que a gente traz... eu não participei, mas eu sei como é que foi... a visão de diferentes pessoas (BELCHIOR, 2022, informação verbal)²⁸.

Numa percepção semelhante a esta, a assentada Meli Silva, diz que:

Está sendo um momento muito rico, porque cada um traz a história de um jeito. Então, a cada momento que você para pra ouvir, são coisas novas que surgem. Acho que está sendo um momento muito interessante. É um momento de resgatar e pegar cada vez mais partículas dessa história que está em cada um e trazer para um todo. Parte dela já está voltando e isso está sendo muito importante para as pessoas antigas relembrar e valorizar mais ela, e para os novos conhecer e valorizar junto (SILVA, S. M., 2022, informação verbal)

Esses relatos são avaliações cruciais para atestar o papel fundante que este museu tem desempenhado na vida da comunidade. Sejam nos depoimentos das jovens assentadas da terceira geração, Belchior e Meli Silva, ou no depoimento dos assentados mais velhos, que são da primeira e segunda geração, a percepção que se tem é que o museu vivo veio para amarrar o que estava solto, ressignificar a história local e reorganizar a memória coletiva. A exposição mesmo, como ação deste museu, teve uma grande contribuição nisso. Segundo Fardin (2022), “o museu está vivo, ali. Ele não estava vivo na exposição apenas. Ele não estava vivo nas músicas somente ou nas pessoas, mas nas relações entre as pessoas em que esses objetos, eles são parte dessa ativação da memória” (Informação verbal).²⁹ Ela ainda ressalta: “a fotografia é um objeto ativador da memória, a música, a vestimenta, o enfeitinho no cabelo, a comida, a bebida, o cheiro, a distribuição, a decoração, a fitinha. Tudo isso, envolve. São objetos ativadores da memória” (informação verbal).³⁰

7 Considerações finais

O museu tem conectado lembranças e emoções profundas na comunidade. A memória do passado tem vindo à tona com os percalços da caminhada agrária e a conquista política, social e cultural presente, dos homens e mulheres desse assentamento. O tempo é revivido pelas gerações de avós e pais e o futuro é projetado pelas gerações de filhos e netos que, de alguma forma, também, se conectam com a história não vivida por eles, mas contada pelos seus. Isso fica evidente nas entrevistas que fizemos e que, por sorte ou não, foi concebida por assentados das três gerações.

²⁸ Entrevista concebida pela assentada Anna Karolyne Lima Belchior em 03/10/2022.

²⁹ Entrevista concebida pela professora e militante social Sônia Aparecida Fardin em 30/09/2022.

³⁰ Idem.

Em nossa observação, mostrou-se claro e distinto que para os assentados o museu vivo não foi um projeto vindo de fora, simplesmente, e que, com passividade, se deixaram conduzir. Não, pelo contrário. Os assentados se apropriaram do conceito e souberam trabalhar com sabedoria, conectando esse evento histórico da comunidade ao próprio movimento de luta de suas famílias. O Museu Vivo do Assentamento Sumaré I é, sem sombra de dúvidas, a história coletiva construída pelo grupo. Concomitantemente, o papel deste museu é ativar, constantemente, essa memória coletiva, preservando o passado para manter a luta ativa no presente.

Constatamos, também, que a formação é um dos aspectos preponderantes do assentamento em questão, que antecede o museu vivo e que se consolida neste. Antecede porque fez parte da dinamicidade do assentamento e é algo valioso para o MST, que se consolida porque se instrumentaliza e se conecta às memórias. Isso porque o museu vivo, escapando dos moldes convencionais, costura, digamos assim, os pontos soltos. Ou seja, ele traz um novo sentido para os que habitam o território e são impactados pela memória.

No cerne do trabalho, vale dizer que enfrentamos algumas dificuldades nas entrevistas, principalmente em conciliar a nossa agenda com a dos agricultores, que tem uma rotina diária longa na labuta, e que, pelo período de campanha eleitoral, estavam muito engajados, e, por conseguinte, muito ocupados. Todavia, isso não prejudicou a coleta dos dados que tivemos posteriormente. Importante registrar aqui, a tamanha receptividade com que nos acolheram os entrevistados. Diga-se de passagem, o sorriso e a gentileza daqueles tipos de linguagens que perpassam a fala e a escrita destes assentados, que estiveram muito presentes em nossas entrevistas. Estas características, certamente, ficarão perpetuadas agora na memória deste museu vivo, tão vivo.

Num mundo em que o espectro do capitalismo reforça a ideia da meritocracia, da individualidade, dos projetos pessoais em detrimento do coletivo, o museu vivo do Assentamento Sumaré I, surge como um projeto inovador, no sentido em que busca o resgate histórico de uma comunidade que já tem suas bases de sustentação num movimento político e social tão forte como o MST. Nessa perspectiva emancipatória, de construções coletivas, o museu vivo vem conectar os assentados a algo que já é muito significativo aos movimentos sociais: a luta por justiça social, nessa transformação necessária e urgente da sociedade.

Referências

ANTONINI, Anaclara Volpi. Memória como resistência na metrópole: transformação espacial e as homenagens ao operário Santo Dias da Silva. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:tWjuHkgzDRgJ:https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/download/8649607/pdf/41034+&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 21 abr. 2022.

BELCHIOR, Anna Karolyne Lima. Depoimento [out. 2022]. entrevistadores: José de Oliveira; Júlio César da Silva. Rio de Janeiro: Faculdade Unyleya, 2022. Arquivo mp3 (1h11min). Entrevista concebida para a pesquisa sobre o museu vivo do assentamento Sumaré I.

CHAGAS, Mario; ASSUNÇÃO, Paula; GLAS, Tamara. (2014). Museologia social em movimento. Em *Museologia Social. Cadernos do Ceom* . Ano 27, nº 41. Chapecó: Unochapecó, 429-436.

CHAGAS, Mario. GOUVEIA, Inês. (2014) Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). Em *Museologia Social. Cadernos do Ceom*. Ano 27, nº 41. Chapecó: Unochapecó, 9-22.

FARDIN, Sônia Aparecida. Depoimento [set. 2022]. entrevistadores: José de Oliveira; Júlio César da Silva. Rio de Janeiro: Faculdade Unyleya, 2022. Arquivo mp3 (56min). Entrevista concebida para a pesquisa sobre o museu vivo do assentamento Sumaré I.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Disponível em: [Reinhart-Koselleck-Futuro-Passado-Desconhecido-a | Gilmar Costa - Academia.edu](#) Acesso em: 13 jun. 2022.

LUIZ, Isabella Ferreira. Negacionismo em rede: a negação da escravidão e da ditadura militar no Brasil ganhou a internet. Disponível em: https://www.encontro2020.pr.anpuh.org/resources/anais/24/anpuh-pr-erh2020/1611771709_ARQUIVO_ca993cfa6359a7f25845b1584f2b5bfb.pdf. Acesso em: 21 abr. 2022.

MANIFESTO. Museu vivo. Disponível em: <https://www.museuvivo.com/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

MENDONÇA, Rosa Helena. Aos professores e professoras. In: BRASIL. Ministério da educação. Coleção Salto para o futuro – Museu e escola: educação forma e não-formal. Ano XIX – Nº3 – Maio/2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Disponível em: [Vista do ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES \(pucsp.br\)](#) Acesso em: 22 jun. 2022.

PODCAST: as vezes só. [Locução de]: Samuel Dias da Silva. Entrevistado: João Araújo de Lima. Sumaré: Spotify, 16 set. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3jyxU98h7ay4wtkezVrewa>. Acesso em: 23 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 23 abr. 2022.

RICOEUR, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Disponível em: [memoria_historia \(uc.pt\)](http://memoria.historia.uc.pt) Acesso em: 13 jun. 2022.

SANTOS, M. (org). Território: globalização e fragmentação. Disponível em: [Territorio_globalizacao-e-fragmentacao.pdf \(anpur.org.br\)](http://Territorio_globalizacao-e-fragmentacao.pdf (anpur.org.br)) Acesso em: 11 jul. 2022.

SANTOS, L. F. Depoimento [out. 2022]. entrevistadores: José de Oliveira; Júlio César da Silva. Rio de Janeiro: Faculdade Unyleya, 2022. Arquivo mp3 (1h11min). Entrevista concebida para a pesquisa sobre o museu vivo do assentamento Sumaré I.

SILVA, Natalina Adão da. Depoimento [set. 2022]. entrevistadores: José de Oliveira; Júlio César da Silva. Rio de Janeiro: Faculdade Unyleya, 2022. Arquivo mp3 (27min). Entrevista concebida para a pesquisa sobre o museu vivo do assentamento Sumaré I.

SILVA, M. A. M. “A coragem, ela vem também da consciência”: entrevista com padre José Domingos Bragheto. *Áskesis*, v. 3, n. 2, p. 12 – 30, Julho/Dezembro, 2014. Disponível em: [Vista do “A coragem, ela vem também da consciência”: Entrevista com Padre José Domingos Bragheto \(ufscar.br\)](http://Vista do “A coragem, ela vem também da consciência”: Entrevista com Padre José Domingos Bragheto (ufscar.br)) Acesso em: 19 out. 2022.

SILVA, S. M. Depoimento [ago. 2022]. Entrevistadores: José de Oliveira; Júlio César da Silva. Rio de Janeiro: Faculdade Unyleya, 2022. Arquivo mp3 (53min). Entrevista concebida para a pesquisa sobre o museu vivo do assentamento Sumaré I.